



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COMUNICAÇÃO SOCIAL: HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**CAIO MARCO BRITO RODRIGUES**

**PAPEL DE HOMEM:  
UM ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES  
DAS MASCULINIDADES NO CINEMA**

Salvador  
2020

**CAIO MARCO BRITO RODRIGUES**

**PAPEL DE HOMEM:  
UM ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES  
DAS MASCULINIDADES NO CINEMA**

Memória descritiva do vídeo-ensaio Papel de Homem: Um estudo sobre as representações das masculinidades no cinema, apresentado como requisito final para a conclusão do curso de graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcos Oliveira Carvalho

Salvador  
2020

Dedico este trabalho a todos que já assistiram algum filme na vida, mas, principalmente, a todos os homens.

Em especial a um "amigo" que, com ótimas intenções, perseguiu e encheu o saco da sua ex-namorada e me fez perceber "hum... por que isso parece um filme?".

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família, por ser repleta de bons exemplos de homens e mulheres que se ajudam e se incentivam em qualquer circunstância da vida.

Aos queridos amigos que ajudaram demais neste longo processo e contribuíram fundamentalmente: Sabrina Fiuza, Gabriel Tarrão e Victor Fonseca.

Aos entrevistados: Caio Rohr e Djair Moura, que foram incrivelmente gentis e solícitos a cada contato. Espero mantê-los por perto.

Ao meu orientador, Prof. Marcos Carvalho por toda paciência e companheirismo. À Prof<sup>a</sup> Maria Carmem, pelo norte inicial do processo.

À Produtora Júnior, por me ensinar tanto, trazer pessoas maravilhosas para minha vida e transformar minha experiência na FACOM.

A todos os amigos e amigas que me auxiliaram nos mais variados momentos durante estes últimos anos.

## RESUMO

Esta memória possui o intuito de apresentar o processo do vídeo-ensaio *Papel de Homem: Um estudo sobre as representações das masculinidades no cinema*. O produto busca analisar o comportamento de personagens masculinos em diversos filmes *mainstream*, das últimas duas décadas, dos gêneros de ação, comédia e romance, assim, estabelecendo como e por quais motivos eles são punidos e recompensados ao longo das histórias. Além disso, o trabalho procura ouvir do público quais suas impressões sobre certos arquétipos masculinos e seus impactos sobre suas vidas e as de quem convive com eles.

**Palavras-chave:** masculinidades; cinema; homem; vídeo-ensaio; gênero.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. ASPECTOS TEMÁTICOS.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 Cinema e a criação do imaginário.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2 A Construção do Homem Ideal.....</b>	<b>9</b>
<b>3. ASPECTOS TÉCNICOS.....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 Formato.....</b>	<b>12</b>
<b>3.2 Pré-produção.....</b>	<b>12</b>
3.2.1 <i>A Escolha dos Filmes.....</i>	13
3.2.2 <i>Critério - Filmes de Ação.....</i>	14
3.2.3 <i>Critério - Filmes de Comédia.....</i>	14
3.2.4 <i>Critério - Filmes Românticos.....</i>	15
<b>3.3 Pré-Entrevistas.....</b>	<b>15</b>
<b>3.4 - Alguns materiais analisados durante a pré-produção.....</b>	<b>16</b>
3.4.1 <i>O Silêncio dos Homens (2019).....</i>	16
3.4.2 <i>Guia prático do novo homem: saiba como enfrentar uma feminista.....</i>	16
<b>3.5 Produção.....</b>	<b>17</b>
3.5.1 <i>Entrevistas.....</i>	17
<b>3.6 Roteiro.....</b>	<b>20</b>
<b>3.7 Equipamentos e Tecnicidades.....</b>	<b>21</b>
<b>3.8 Pós-Produção.....</b>	<b>22</b>
3.8.1 <i>Decupagem e Edição.....</i>	23
<b>3.9 Direção Artística.....</b>	<b>23</b>
<b>3.10 Orientações .....</b>	<b>24</b>
<b>4. INVESTIMENTOS.....</b>	<b>25</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>30</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O que é ser um homem? Melhor: o que é ser um homem *de verdade*? Aquele que é virtuoso, admirável e admirado. O que o diferencia de um *falso* homem, ridicularizado ou até mesmo invisível? Como ele fala, se veste, se porta? O que ele possui? Quais suas companhias? No início deste projeto, a hipótese mais concreta que tive sobre o homem é a de que, geralmente, ele busca evitar a problematização das coisas que expõem as fragilidades e incertezas de si próprio. Certamente, é um fator irônico no conceito de masculinidades que contribui para o ciclo de não-discussão sobre a mesma.

Por outro lado, a forma como certos grupos sociais, como a comunidade LGBTI+, as mulheres, os negros, entre outros, eram representados na mídia passou a ser analisada e problematizada com mais frequência e profundidade. Se existe um termo que ganhou popularidade nos últimos anos é a palavra “representatividade”. O cinema, objeto de estudo do produto final deste projeto, possui mais de um século de história construindo, desconstruindo e reforçando inúmeros conceitos e estereótipos, entre eles a representação do masculino e do feminino. No entanto, quando se pensa em análise de gênero, ainda tende-se a ignorar o masculino. Como apontam Felipe Costa e John (2013, p. 7), “aparentemente, continua-se a entender gênero como uma questão do ‘feminino’, quando na verdade se trata da relação inter e intra sexos”.

Considerando o poder de alcance do cinema e de sua recepção ao longo das décadas, é difícil negar o papel dos filmes na construção de sociedades e do próprio indivíduo. Quanto aos personagens masculinos, percebe-se que, ao retratar diferentes masculinidades e atribuir valores a elas (através de recompensas e punições sociais ao longo das tramas), as obras podem reiterar ou alterar noções de como o homem espectador vê a si mesmo e as pessoas com quem convive.

Então, decidi analisar mais a fundo o que faz um personagem masculino ser virtuoso ou ridículo - e se essas noções ficam restritas somente à certos gêneros, como os filmes de ação.

## 2. ASPECTOS TEMÁTICOS

### 2.1 Cinema e a criação do imaginário

Em 1895, quando os irmãos Lumière fizeram a primeira exibição de suas imagens em movimento captadas pelo recém-inventado cinematógrafo, é bem provável que não soubessem que estavam dando início a algo que tomaria dimensões inimagináveis no caráter artístico e cultural (COSTA, 2005, p. 23). Dali em diante, outras pessoas passariam a produzir seus filmes, contar histórias, abrir cada vez mais sessões de exibição e assim, em questão de décadas, popularizar o cinema em boa parte do mundo.

Hoje a sétima arte é, sem dúvida, uma das maiores indústrias do mercado. Há filmes que possuem custo de produção na casa das centenas de milhões de dólares que conseguem multiplicar esse valor em faturamento nas bilheterias (GUGLIELMELLI, 2019). Milhares de profissionais, produtoras e estúdios envolvidos em contar histórias que serão consumidas nas salas de cinemas, televisões e até computadores e celulares.

Mas o que chama atenção na difusão do cinema é que não são apenas seus números que refletem a aprovação do público. As histórias que foram contadas ao longo desses 124 anos transmitiram inúmeras mensagens, sentimentos e valores para seus milhões de espectadores, de tantas gerações, como propagandas de guerras, de governos ou até mesmo contra governos. De certa forma, a história do cinema se confunde com a história do mundo.

Da mesma maneira, a sétima arte também pode estabelecer perpetuar certas práticas e clichês. Tais como o policial que quebra algumas regras para prender o bandido<sup>1</sup>, a donzela indefesa que espera seu salvador<sup>2</sup>, ou até mesmo o hacker que usa cinco telas simultâneas para visualizar elementos gráficos futuristas em 3D que indicam que um sistema está sendo invadido<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Pode ser visto em filmes como *Bad Boys* (Michael Bay, 1995) e *Seven - Os Sete Crimes Capitais* (David Fincher, 1995).

<sup>2</sup> Pode ser visto em filmes como *O Vidente* (Lee Tamahori, 2007), *Jumper* (Doug Liman, 2008) e *Homem-Aranha 2* (Sam Raimi, 2004).

<sup>3</sup> Esta licença cinematográfica pode ser vista em filmes como *Hackers - Piratas de Computador* (Ian Softley, 1995) *A Senha: Swordfish* (Dominic Sena, 2001), onde programadores utilizam interfaces extremamente



O exemplo do hacker futurista utilizando cinco monitores também mostra que o comportamento retratado pode ser apenas uma espécie de estereótipo, que mesmo ancorado em um fato do mundo (hacker usando um computador) possui elementos inverossímeis (elementos gráficos futuristas em 3D). Embora incoerente, a ideia desse personagem de tão impregnada no imaginário do público ainda segue constantemente sendo reproduzida por filmes e séries. Que outras incoerências podem passar despercebidas pelo público?

## 2.2. A Construção do Homem Ideal

Num filme, a trama de um personagem é determinada por vários fatores: seu problema inicial, suas decisões ao longo da história, sua relação com outros personagens, seu desempenho nas ações que realiza, entre outros. Para os personagens masculinos, os fatores que o direcionarão para o sucesso - a conquista de seus objetivos - seguem um certo padrão em boa parte dos filmes *mainstream*. A partir da análise das obras e entrevistas realizadas, pude observar que o ideal difundido na sétima arte sugere que o homem tido como virtuoso é heterossexual, conquistador, corajoso, controla suas emoções e pode ser violento, se julgar necessário para vencer seus desafios. Essa série de características constitui um símbolo de masculino ideal, que ao final da trama obtém seus bônus como reinos, medalhas, conquista dos interesses românticos, entre outros. Elas podem ser encontradas em personagens famosos como James Bond, Indiana Jones, Sherlock Holmes, Edward Cullen<sup>4</sup> e Tony Stark<sup>5</sup>, mas também em filmes românticos amplamente conhecidos como *10 Coisas que eu Odeio em Você*<sup>6</sup>, *O Melhor Amigo da Noiva*<sup>7</sup>..

---

gráficas, sendo que, na vida real, os programas utilizados para desenvolvimento e invasão de sistemas consiste majoritariamente em textos (HACKERS, 2008) e são processos mais demorados, destoando do entretenimento dos filmes.

<sup>4</sup> Vampiro protagonista do filme *Crepúsculo* (Catherine Hardwicke, 2008).

<sup>5</sup> Personagem também conhecido como Homem de Ferro em *Homem de Ferro* (Kevin Feige, 2008)

<sup>6</sup> O filme *10 Coisas que eu Odeio em Você* (Gil Junger, 1999) traz os personagens Patrick (Heath Ledger) e Kat (Julia Stiles). Em resumo, Patrick, um estudante *bad-boy* é pago por colegas para tentar namorar Kat, uma moça antissocial e zangada, conseguindo informações sobre ela através de sua irmã. Kat eventualmente descobre que Patrick estava sendo pago e o rejeita de vez - e é claro, ao final do filme ele a reconquista com todo seu charme, afinal, suas intenções mudaram ao longo da trama.

<sup>7</sup> *O Melhor Amigo da Noiva* (2008) traz Hannah (Michelle Monaghan) e seu melhor amigo de longa data Tom (Patrick Dempsey), um rico mulherengo com medo de relacionamentos sérios. Hannah está para se casar com Colin, porém Tom percebe que está apaixonado pela moça e se declara, porém é rejeitado. Ao final da trama, entretanto, ao final da trama, ele interrompe o casamento e prova que no fundo ela gostava dele e não deveria se

Há um outro fenômeno, principalmente nas tramas de comédia - como observa o canal Pop Culture Detective (2017) - onde os homens que não se aproximam desse grupo de características em suas performances tendem a sofrer punições, tais como serem ridicularizados por aqueles e aquelas com quem convivem, ou até mesmo sofrerem diversas formas de violência. Como a performance do masculino exige violência na resolução dos seus conflitos, ao não lidar com essa punição social desta forma, ou ao fracassar tentando, o personagem acaba não sendo encarado como vítima, mas como culpado de seu próprio destino, afinal, não foi “homem o suficiente”<sup>8</sup>.

Considerando que há décadas o cinema consegue criar memórias coletivas em gerações inteiras, e, ao mesmo tempo, transmitir conteúdos e valores que são absorvidos pelos espectadores desde a infância, é difícil negar que a sétima arte é um dos pilares que ajudam a entender o indivíduo inserido na sociedade. Na concepção de máscaras de Park (1950), o indivíduo utilizará uma máscara - conscientemente ou não, representando um papel na sociedade - que seria o que o indivíduo gostaria de ser. Em questão de tempo, essa performance se tornará parte integral do indivíduo (PARK, 1950, p. 249 *apud* GOFFMANN, 1985, p. 27).

Partindo destes pressupostos, pode-se dizer que o cinema funciona não só como espelho das performances sociais do cotidiano, mas também como um guia que apresenta possibilidades de respostas sociais que o indivíduo terá a cada ação desempenhada por ele. Entretanto, o espectador não é meramente passivo na recepção das obras: ele projeta seu alter-ego melhorado em determinado personagem e espera que ele também cumpra suas expectativas, vencendo seus desafios e garantindo um final feliz (MERENCIANO, 2011, p. 14). Mesmo que o indivíduo não queira ou não consiga performar socialmente um papel similar ao daquele personagem.

---

casar - ela só não sabia disso e precisava desse “incentivo”, *obviamente*. Na cena posterior, Hannah e Tom ficam juntos e se casam.

<sup>8</sup> Esta prática pode ser vista no filme *O Durão* (Ethan Cohen, 2015). O protagonista James (Will Ferrell) se vê prestes a ser preso. Com medo de ser estuprado na cadeia, o personagem busca formas de aprender a ser mais violento e esconder sua sensibilidade, pressupondo em diversos momentos que o abuso sexual é apenas uma punição a homens que não sabem se impor. Ao final do filme, James consegue provar sua inocência e a culpa de seu ex-chefe - que acaba preso e, como não saberá usar a violência para se defender de tantos homens mais fortes que ele, será violentado.

Como aponta o relatório anual da Universidade da Califórnia em Los Angeles (2020), a maioria dos protagonistas e cargos importantes na produção de boa parte dos filmes *mainstream* são homens. Entretanto, isso significa que os personagens masculinos estão sendo retratados de forma saudável para seu público? Se não, quais expectativas, anseios e frustrações essas representações podem gerar sobre o homens?

### 3. ASPECTOS TÉCNICOS

#### 3.1 Formato

O presente projeto corresponde a um produto audiovisual inspirado no formato de *video essay*, bastante popularizado graças ao seu conteúdo acessível no *Youtube*, presente em canais como Nerdwriter<sup>9</sup>, Pop Culture Detective<sup>10</sup> e Meteoro Brasil<sup>11</sup>. No *video essay*, além do texto narrado, os autores utilizam o próprio vídeo como uma parte essencial da sua argumentação, mostrando cenas, exemplos, gráficos, ilustrações, etc.” (OLIVEIRA, 2017). Traduzindo para o português, o vídeo-ensaio também possibilita uma abordagem pessoal do ponto de vista do produtor.

Além das análises dos filmes, o produto final também possui filmagens e entrevistas feitas por mim, com homens e mulheres de diferentes idades e profissões, a fim de observar suas percepções de filmes e de masculinidades.

Como já trabalho há anos com audiovisual, a escolha de o modelo do produto ser um vídeo-ensaio sempre me pareceu um caminho óbvio. Entretanto, acredito que o vídeo é a melhor linguagem para ajudar na difusão dessa mensagem.

#### 3.2 Pré-produção

A etapa de pré-produção do produto final começou com as pesquisas para a matéria COM116 (Elaboração de Projeto em Comunicação), no primeiro semestre de 2019, quando precisei validar a importância do tema que pensava em abordar. Além de começar a reunir materiais bibliográficos, pude organizar meus pensamentos, graças à orientação inicial da Prof<sup>a</sup> Maria Carmem, que foi essencial.

---

<sup>9</sup> Para mais informações sobre o Canal Nerdwriter, acessar: <https://www.youtube.com/Nerdwriter1>. Acesso em: 5 jul. 2019.

<sup>10</sup> Para mais informações sobre o canal Pop Culture Detective, acessar: <https://www.youtube.com/rebelliouspixels>. Acesso em: 5 jul. 2019.

<sup>11</sup> Para mais informações sobre o canal Meteoro Brasil, acessar: [https://www.youtube.com/channel/UCh5BcU1rOy6hepflk7\\_q\\_Pw](https://www.youtube.com/channel/UCh5BcU1rOy6hepflk7_q_Pw). Acesso em: 5 jul. 2019.

A princípio cogitei fazer uma série de vídeos abordando cada tópico macro:

- Homens em filmes românticos - focando na relação entre homem e mulher, já que a maioria das obras possui protagonistas heterossexuais;
- Homens em filmes de comédia - enfatizando a relação entre os homens, como eles convivem, se exaltam e/ou se ridicularizam;
- Homens em filmes de ação - abordando seu comportamento com os demais personagens, violência e como o mundo percebe o protagonista de obras deste gênero.

Entretanto, prevendo as dificuldades em organizar meu tempo para produzir uma série de vídeos, optei por seguir com os tópicos, porém resultando apenas num único vídeo de duração maior.

O fator que definitivamente atrapalhou qualquer cronograma que estabeleci foi a pandemia da COVID-19. O atípico evento fez com que as aulas da UFBA paralisassem e, conseqüentemente, a orientação e o projeto como um todo. Inclusive, tive que fazer modificações na minha vida profissional que tornaram meu tempo ainda mais escasso - até os dias de hoje.

### ***3.2.1 A Escolha dos Filmes***

A seleção das obras a serem analisadas não resultou de um processo exatamente linear. Eu já tinha alguns títulos em mente antes mesmo de iniciar a pré-produção, contudo, outros tantos filmes que analisei ou utilizei para ilustrar uma conclusão foram escolhidos durante etapas posteriores, como na fase de produção do roteiro, das entrevistas e até mesmo durante a edição do produto final. É importante ressaltar que diversas cenas de certos filmes foram utilizadas somente para ilustração de uma ideia, enquanto outras obras foram analisadas mais a fundo.

O site TV Tropes<sup>12</sup> foi de imensa ajuda neste processo. O portal é como uma Wikipédia dos clichês do cinema, contando com colaboração de pessoas do mundo inteiro para conceituar e elencar inúmeros comportamentos e artifícios narrativos repetitivos dos filmes.

### **3.2.2 Critério - Filmes de Ação**

Para filmes de ação, a obra escolhida para análise mais profunda foi *Carga Explosiva* (Louis Leterrier, Corey Yuen, 2002), enquanto *Encontro Explosivo* (James Mangold, 2010) figurou para reforçar os estereótipos apontados.

Ambos os filmes apresentam como protagonistas homens fisicamente habilidosos, que sabem usar armas e são violentos para resolver seus conflitos. Além disso, cada um é acompanhado involuntariamente por uma mulher indefesa e ingênua perante a situação, possibilitando que o herói exerça controle sobre a moça em nome da sua proteção. Com este comportamento problemático, os dois são recompensados posteriormente através do envolvimento sexual com as reféns/protegidas.

Por isso, estas obras, assim como as dos outros gêneros de cinema, foram selecionadas para poder fazer um paralelo com a vida real na conclusão do tópico.

### **3.2.3 Critério - Filmes de Comédia**

Basicamente, foi selecionado qualquer filme em que um homem se distanciasse do ideal masculino, seja se mostrando sensível, não sendo capaz de usar violência ou falhasse na sua performance sexual fosse ridicularizado, especialmente através de ofensas homofóbicas. Filmes como *Superbad* (Greg Mottola, 2007), *American Pie* (Paul Weitz e Chris Weitz, 1999), *American Pie 2* (J. B. Rogers, 2001), *O Pequenino* (Keenen Ivory Wayans, 2006), *Te Pego Lá Fora* (Phil Joanou, 2017) e *O Durão* (Etan Cohen, 2015).

Escolhi também filmes que fizeram a triste opção de tratar violência sexual como piada, especialmente aquelas que têm homens como vítima, tais como *Quero Matar Meu Chefe*

---

<sup>12</sup> Cf.: <tvtropes.org>. Acesso em: 8 nov. 2020.

(Seth Gordon, 2011), *Este é Meu Garoto* Sean Anders, 2012) e *Penetras Bons de Bico* (David Dobkin, 2005). Este último que, por sinal, detém o recorde deste trabalho com incríveis quatro situações onde homens são abusados ou assediados numa cena projetada para ser engraçada.

### **3.2.4 Critério - Filmes Românticos**

Primeiramente, foram selecionados filmes onde homens protagonistas precisassem mudar seus comportamentos com o objetivo de conquistar a mulher desejada, como *O Melhor Amigo da Noiva* (Paul Weiland, 2008), *10 Coisas que Odeio em Você* (Gil Junger, 1999). Nestas obras, o herói também tem que realizar um grande gesto público para demonstrar seu amor, o que ocorre também em *Diário de Uma Paixão* (Nick Cassavetes, 2003) e *Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas* (Tim Burton, 2003), que possui um arco romântico.

### **3.3 Pré-Entrevistas**

Dos quatro entrevistados no produto final, apenas não pré-entrevistei o Sargento Djair Moura devido a conflito de agendas, o que acabou não sendo um problema, pois o policial se mostrou bastante articulado para ir além das perguntas que fiz. Quanto aos demais entrevistados, entrarei em detalhes no tópico de produção, para beneficiar a cronologia deste memorial.

Durante a pesquisa, pude conversar com algumas pessoas, pessoalmente ou não, a fim de analisar se elas poderiam trazer um ponto de vista interessante para a construção do vídeo-ensaio. Todas estas interações aconteceram no primeiro semestre de 2019.

#### **- Victor Fonseca**

Um dos meus primeiros pré-entrevistados foi o jornalista recém-formado e criador do site Cinesia Geek, que trata de cinema e cultura pop. Minha intenção ao falar com ele era ter acesso a visão de um “cinéfilo”: O que encanta ele no cinema? Quais seus heróis de infância? Qual sua visão sobre masculinidade? Além disso, Victor fez um TCC de análise de recepção de um filme. Victor pareceu interessado no assunto e disposto a ajudar, inclusive me passando novos contatos para potenciais entrevistados,

como o da Professora Regina Gomes. Porém, não senti que um depoimento de Victor adicionaria tanto ao projeto e desconsiderei entrevistá-lo.

- **Prof<sup>a</sup>. Regina Gomes**

Uma das pessoas que Victor me indicou foi a professora da FACOM que está à frente do Grupo Grim (Grupo de Pesquisa, Recepção e Crítica da Imagem). Ao contatá-la, a professora me informou que o grupo atualmente não possui ninguém que estuda o tema de gênero.

- **Jonathan McIntosh**

O norte-americano é o criador do canal do *Youtube* “Pop Culture Detective”, que analisa mídia e cultura pop e se destacou pelos vídeos focados na temática da masculinidade. É também uma das maiores inspirações neste trabalho. Para pedir ajuda com algumas referências e ver se conseguia entrevistá-lo, entrei em contato pela plataforma *Patreon*, já que a utilizo para doar mensalmente uma pequena quantia de apoio ao canal. Entretanto, ainda não obtive resposta, infelizmente.

Os demais entrevistados participaram do produto final.

### **3.4 - Alguns materiais analisados durante a pré-produção**

#### **3.4.1 *O Silêncio dos Homens (2019)***

Este documentário, lançado pelo site *Papo de Homem* analisa, através de pesquisas e depoimentos de diversos homens e mulheres, a noção da masculinidade que se é ensinada aos indivíduos desde pequenos. Alguns dados (taxa de suicídio e homicídio entre homens) e imagens dos encontros foram utilizados no produto final.

- **3.4.2 *Guia prático do novo homem: saiba como enfrentar uma feminista***

Uma matéria escrita por Alexandre Lyrio e Flávia Azevedo (2019), publicada pelo Jornal Correio, analisa como os homens dos tempos atuais devem se comportar para não sair "mal na



fita" com as mulheres modernas e feministas. Apesar da boa intenção, o texto é recheado de termos "modernos" e generalismos. Ao final, a matéria disponibiliza o contato de grupos de discussão sobre masculinidade. A discussão das masculinidades, contudo, destoa do restante do texto, que simplifica questões importantes em "mulheres acordaram e os homens estão tentando se adaptar para poder, apenas, voltar a conquistá-las" - pressupondo que só tem problemas com a masculinidade o homem que deseja se relacionar sexualmente com mulheres.

Vendo a repercussão da matéria entre homens, percebi que quando se cria estereótipos "homem bom = sujeito alternativo que fala de masculinidade tóxica para impressionar seu interesse romântico", "homem ruim = machão que fica defensivo quanto ao tema", apenas tende-se a banalizar o debate e afastar o homem que já não quer falar sobre.

Com isso em mente, tentei fazer com que meu produto não tivesse esse tipo de abordagem, afinal, pude ver na prática que os mesmos grupos que foram citados pela matéria discutem temas que têm o potencial de engajar diversos homens, como paternidade, pressão por sucesso financeiro, uso de drogas e entre outros. É possível discutir o que é ser homem e como se relacionar com as mulheres das nossas vidas para além de saber quem deve pagar a conta num restaurante. Tentei atingir isso com meu projeto.

### **3.5 - Produção**

A seguir, descrevo o processo das entrevistas, desde o primeiro contato até a gravação para o produto final.

#### **3.5.1 Entrevistas**

##### **- Gabriel Tarrão**

Comecei minha busca por possíveis entrevistados partindo por alguém que já tivesse certa familiaridade com a discussão de masculinidades, por acreditar ser mais fácil de ouvir sua visão sobre o que é ser homem e como os filmes ajudaram a moldar essa ideia. Logo, meu

primeiro pré-entrevistado foi meu amigo Gabriel Tarrão, um jovem que trabalha com educação no Colégio Marízia Maior. Desde sua adolescência se interessa pelo tema, participando de grupos como “O Macho da Relação”<sup>13</sup> e outros que discutem a pauta das masculinidades, dentre diversos assuntos. Segundo ele, nas nossas conversas iniciais, em meio a uma cultura que exalta o “macho pegador”, que puxa a moça pelo braço e consegue o que quer, é fácil pensar que se você não quer/consegue ter esta performance, você não é homem o suficiente. Então, ele se interessou ao ver pela primeira vez a ideia de ser um “homem possível”, proposta pelo site Papo de Homem<sup>14</sup>.

Percebi que Tarrão não elaborou muito seu pensamento sobre personagens marcantes de cinema, todavia, sua experiência na escola onde trabalha poderia agregar bastante ao produto final. Cogitei ir à escola para gravar com alguns estudantes, o que infelizmente não foi possível devido à pandemia da COVID-19. Com isso, só foi possível entrevistá-lo por chamada via internet.

Nas conversas iniciais, Gabriel também me indicou falar com a Major Denice Santiago<sup>15</sup>. Contudo, após considerar que ela possivelmente entraria em campanha política (o que ocorreu), concluí que talvez fosse melhor conversar com o Sargento Djair Moura, que está à frente do premiado projeto Ronda Para Homens, que propõe discussões com homens condenados por violência doméstica.

#### - **Sargento Djair Moura**

Pesquisando mais sobre o trabalho do Sgt. Djair, percebi sua articulação e crença no projeto Ronda Para Homens em reportagens como a da Marie Claire<sup>16</sup> e senti a importância de inserir a visão de alguém que, pela experiência dentro da Ronda, lida diariamente com a faceta mais violenta da masculinidade tóxica. Consegui o contato dele através de um amigo da FACOM e me surpreendi com a gentileza e prontidão do Sargento. Marcamos uma entrevista presencial,

---

<sup>13</sup> Disponível no Instagram: @omachodarelacao.

<sup>14</sup> Para mais informações, consultar: <<https://papodehomem.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

<sup>15</sup> Policial militar e psicóloga responsável pela criação da Ronda Maria da Penha, da Polícia Militar da Bahia.

<sup>16</sup> Mais informações sobre o projeto estão disponíveis em::

<<https://revistamarieclaire.globo.com/Premio-Viva/noticia/2019/09/ronda-para-homens-e-aposta-do-pm-djair-moura-para-mudar-masculinidade.html>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

já que era preferência do entrevistado, e, seguindo todos os cuidados possíveis para prevenção à COVID-19, fui à 5ª Delegacia de Polícia, situada no bairro de Periperi.

Logo nas conversas pré-gravação, que costumam ser mais introdutórias e tímidas, senti que Djair tinha muito a falar sobre a forma com que criamos os homens, já fazendo ligações com os filmes. Liguei a câmera o mais rápido possível para não perder o ritmo. A entrevista rendeu cerca de 45 minutos.

### **- Caio Rohr**

A matéria do jornal Correio citada anteriormente disponibilizou o contato de Caio Rohr, psicólogo junguiano que recentemente começou a ser mais vocal sobre o tema das masculinidades, como pude confirmar ao ver o conteúdo que postava em seu perfil no Instagram, onde, consegui meu terceiro pré-entrevistado. Conforme conversamos no final de 2019, Caio me contou que sua relação com o tema se intensificou por causa de vários fatores, como iniciar terapia com um novo profissional, a experiência de se casar e se tornar pai, além de perceber particularidades da demanda emocional dos seus pacientes homens. Rohr percebeu que, em geral, eles não sabiam pensar suas emoções. Sabiam agir, reconhecer atitudes, mas não pensar o que está por trás delas, ou o impacto que certas vivências geram neles. Tampouco sabiam o que é ser um homem.

Puxando pro projeto final, em algum ponto da minha conversa expus minha ideia de que os personagens masculinos com certas características e atitudes eram recompensados enquanto outros eram punidos ao longo das tramas dos filmes, esperando que pudéssemos conversar sobre pressão dos pares, a relação estímulo-resposta, entre outras coisas. Entretanto, Caio não pareceu tão “empolgado” com a observação, pelo menos não tanto quanto eu esperava. Por outro lado, a entrevista caminhou a passos largos quando começamos a falar sobre performance. Ele trouxe a visão junguiana de *personas*, interpretando que a máscara que o indivíduo constrói projeta uma sombra do mesmo tamanho no seu inconsciente. Citamos inúmeros exemplos de como o homem performa para os outros e a si mesmo sem nem pensar o que está fazendo nem o porquê - profissionalmente, sexualmente, no âmbito familiar - e o quanto isso pode impactar uma pessoa. Tal pensamento me lembrou que a força motriz do

TCC é a análise da performance. Desde cedo nos é ensinado que temos um papel para desempenhar, as ações que devemos ter e o que isso nos trará enquanto homens.

Graças à pandemia, só pudemos retomar nossas conversas ao final do ano de 2020 através de videoconferências - e através dela, realizei a entrevista.

#### - **Sabrina Fiuza**

Durante o processo de construção de roteiro, mais especificamente da parte sobre filmes românticos, senti a necessidade de validar a minha análise com alguém que cresceu assistindo a esse gênero cinematográfico, especialmente de uma perspectiva feminina. Por sorte, minha amiga pessoal Sabrina já havia expressado em diversas conversas anteriores o seu conhecimento em filmes como comédias românticas, mostrando também um pensamento mais crítico que veio com sua maturidade e o contato com discussões sobre gênero e sexualidade. Ao consultar Sabrina, percebi que suas respostas poderiam ser uma ótima inclusão ao produto, trazendo uma visão pessoal de uma jovem (assim como Gabriel Tarrão), com um considerável acervo mental de filmes e ligação emocional com o tema. Além de ser uma visão feminina que corrobora o ponto de que os ideais de masculinidade reverberam não só para os homens. Conversamos por videoconferência durante cerca de 45 minutos.

### **3.6 Roteiro**

Por ser um vídeo-ensaio, onde a narrativa é guiada pelos filmes que estão sendo analisados, as entrevistas não foram determinantes para a concepção do roteiro, no máximo, inspirando alguns leves ajustes. Portanto, a fase de desenvolvimento do texto final não necessariamente ocorreu depois das entrevistas. Algumas, como a de Gabriel Tarrão, meu último entrevistado, foram gravadas após o fechamento do roteiro, que não sofreu alterações consideráveis.

Partindo dos três tópicos já estabelecidos na pré-produção, foi estabelecida a seguinte estrutura narrativa, seguida à risca no roteiro final (Anexo A):

## **Introdução**

- Os mitos variados estabelecidos no cinema.
- Estes mitos podem estar relacionados ao homem?
- O humano enquanto ser performativo; personas; onde os indivíduos buscam suas referências do que ser e como agir?
- A representação masculina no cinema é abundante, contudo, é saudável? É discutida o suficiente?

## **Filmes de ação - homem x mundo**

- O homem que não sente, não é vulnerável, apenas age;
- A relação do protagonista com a donzela em perigo;
- Quais os impactos de permitir somente a violência como sentimento masculino?

## **Modelos / Filmes de comédia - homem x homem**

- Como uma trama recompensa ou pune um personagem; normalmente quais personagens são punidos?
- Emasculação e a aproximação do feminino como alvo de piadas;
- A hierarquia entre os homens na comédia. Quem está por baixo busca ser validado por quem está acima, quase sempre, através da violência;
- Piadas sexistas, homofóbicas e abuso sexual como *punchline*.

## **Filmes românticos - homem x mulher**

- A persistência problemática do homem romântico como virtude;
- A mulher, interesse romântico, que não sabe o que quer;
- Diferenças do universo cinematográfico x mundo real: direção, cinematografia e roteiro como elementos que podem suavizar ou enfatizar comportamentos e ações problemáticas.

## **Conclusão**

- O homem discutindo hoje a masculinidade;
- Filmes onde situações problemáticas são retratadas de forma saudável e/ou coerente.

### **3.7 Equipamentos e Técnicas**

Para a entrevista gravada de forma presencial na delegacia, foi utilizada a câmera Sony α6500 com a lente 16-50mm em 1080p. O microfone de lapela é o Boya M1.

Para as entrevistas e locução feitas por mim, foi utilizado o microfone condensador BM-800 ligado à interface de áudio Behringer UMC22, ligada ao meu computador, na minha residência. Ainda não possuo o devido isolamento acústico no local, mas consegui driblar essa deficiência por posicionar o microfone o mais distante da parede possível, além de reduzir sua sensibilidade na interface para evitar eco.

Todos os equipamentos já eram de minha posse, sem depender deste projeto e, por isso, não entrarão no orçamento que se encontra descrito mais adiante.

Tanto os processos de produção quanto os de pós-produção foram realizados por mim. Cogitei terceirizar algumas funções, pois apesar de já ter experiência na área, foi um trabalho bem difícil. Contudo, dois fatores pesaram na decisão de tornar este um trabalho solitário: a necessidade do isolamento social causado pela pandemia, logo, a impossibilidade de terceirizar funções técnicas, como cinegrafia; e o caráter pessoal do projeto.

### **3.8 Pós-Produção**

Todo o processo de pós-produção, desde a montagem até a direção de arte, levou cerca de quatorze dias, organizados da seguinte forma:

#### **3.8.1 - *Decupagem e Edição***

Com roteiro, entrevistas, filmes e vídeos ilustrativos em mãos, pude selecionar, através do Adobe Premiere Pro, as falas e cenas para melhor compor o que estava sendo exposto no vídeo.

Durante as análises, foi relativamente tranquilo escolher os trechos dos filmes, afinal, seria como legendar um vídeo. A locução fala "João comeu uma maçã", a cena escolhida é a de João comendo uma maçã. O desafio maior era preencher os espaços onde conceitos estavam sendo desenvolvidos, como no começo e final do produto final. Por isso, como mencionado na etapa de seleção dos filmes, alguns trechos de longa-metragens foram utilizados para ilustrar alguns pontos - muitos se encaixam nas críticas feitas, enquanto outros não. Por exemplo, no filme *Eu os Declaro Marido e... Larry* (Dennis Dugan, 2007) um dos protagonistas possui um filho com comportamentos tidos como femininos, como se interessar por dança. Este fato, por si só, já é retratado como algo engraçado. Em diversos momentos, Chuck e Larry lamentam a possibilidade deste menino ser homossexual - lamentações essas também retratadas de formas claramente jocosas. Ao final da trama, os personagens adultos parecem aceitar a personalidade da criança, o que seria um encerramento digno (considerando a lógica de punições e recompensas que usei ao longo do trabalho), mas não apaga a ideia de que um menino não se encaixar no que é dito masculino é algo risível. Logo, não há injustiça ao inserir trechos do filme quando esta temática é abordada.

Quanto às entrevistas, também foi desafiador escolher o que manter de cada depoimento. Para não tornar o produto final algo mais extenso, preferi me nortear a partir dos perfis estabelecidos para cada entrevistado, considerando o momento em que eles entrariam na cena. Exemplificando: o Sargento Djair Moura falou bastante sobre legalidade e contou suas histórias nas palestras e nas ruas, entretanto, sua fala sobre a exaltação da violência na criação dos homens é a conclusão perfeita para a análise de um filme de ação.

Por fim, fica a consideração do quão é difícil encontrar a imagem correta para ilustrar uma fala. Foi desgastante perceber a proporção do enorme tempo gasto para escolher a cena e o os poucos segundos preenchidos pelo trecho.

### **3.9 Direção Artística**

A partir da percepção do tom do produto, desenvolvi a direção de arte e *motion design* através do Adobe After Effects para aplicação no projeto. Optei por um *layout* mais *clean*, não muito chamativo para não destoar da linguagem utilizada nem roubar a atenção do conteúdo que

está sendo exibido. As animações e efeitos sonoros fazem referência a projetores antigos, uma estética que me agrada e ajuda a marcar as transições de forma sutil. A tipografia Overpass Mono foi escolhida pela alusão ao *layout* de um roteiro de cinema.

### **3.10 Orientações**

Como as conversas com meu orientador Prof. Marcos Carvalho foram constantes em todas as etapas do processo, nada mais justo do que escrever num tópico à parte sobre suas fundamentais contribuições.

As reuniões com o Prof. Marcos tornaram mais visíveis marcos do processo de construção do projeto. A cada encontro, podia ver o quanto eu avancei (ou deixei de avançar) no esqueleto do TCC. Elas me ajudaram a pensar mais sistematicamente as etapas de pré-produção, focando em fazer uma coisa de cada vez: listar os possíveis entrevistados, conversar com eles, montar um esqueleto, fechar a lista dos filmes, entre outros. Uma sugestão crucial foi produzir e finalizar um pequeno trecho, para se ter noção de como seria o trabalho. Esta pequena produção me fez perceber uma série de ajustes que deveriam ser feitos para o trabalho final.

Ser orientado por alguém não tão próximo ao tema de gênero, mas com conhecimento técnico em audiovisual, se mostrou vantajoso, pois a cada reunião pude tomar certa distância do tema e me ver enquanto produtor de um projeto audiovisual. Especialmente durante o isolamento da pandemia, em que a tendência é de perder a disciplina e motivação do que deve ser feito. Registro aqui novamente meu agradecimento!



#### 4. INVESTIMENTOS

<b>ITEM</b>	<b>USO</b>	<b>VALOR</b>
Transporte (Uber, ida e volta)	Entrevista Sgt. Djair Moura	R\$ 74,00
Lanche do cinegrafista (coxinha de frango + café)	Alimentação na locação	R\$ 5,30
<b>TOTAL</b>		<b>R\$ 79,30</b>

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se tem uma coisa que eu gosto de fazer é traduzir ideias para que outras pessoas entendam. É isso o que coloca comida na minha mesa hoje, através do audiovisual. Nunca antes, porém, eu me senti tão motivado a desenvolver e desenhar uma ideia quanto neste projeto.

Como antecipei na dedicatória, este trabalho é inspirado num leve caso de perseguição de um conhecido à uma ex-namorada. À primeira vista, não de uma forma assustadora, mas de maneira sociável, aparecendo no trabalho da moça com um sorriso no rosto e cheio de boas intenções. Algumas amigas dessa moça inclusive levantaram a ideia de uma segunda chance ao rapaz, mesmo que o fim já tivesse sido decretado. Vendo o incômodo que a situação estava gerando à ex-namorada, eu sabia que algo estava estranho, mas não conseguia entender *por quê*, exatamente. Depois de um bom tempo, eu entendi.

O sujeito, assim como outros tantos que vemos por aí, comprou uma narrativa que é vendida a rodo nos filmes de Hollywood: o homem que persiste no amor. Inúmeros atos lamentáveis se justificam pelo sentimento soberano que arde no coração do herói - que será recompensado, afinal, assim é o amor nas telas. Se o sujeito não estava emulando esta personagem, ele ao menos teve a certeza de que seria tolerado, pois essa narrativa já foi estabelecida na sociedade há muito tempo.

Sobre este caso, gostaria de sair um pouco do que já é amplamente discutido pelas mulheres e não apenas questionar o impacto da pressão psicológica na ex-namorada, mas também olhar da perspectiva do apaixonado - ou melhor, obcecado. A recompensa que ele buscava realmente valia a pena? Um relacionamento já machucado com uma pessoa que não havia mais interesse? Cruzar a cidade várias vezes para tentar cumprir seu objetivo "amoroso" é a melhor coisa a se fazer para lidar com a dor de um término? Por que "desistir" não seria uma opção?

A resposta incentivada e permitida aos homens para as dores da vida é a ação. O homem ideal age, supera e conquista. Ele é forte, heterossexual, transa o tempo inteiro, está no controle e não leva desaforo pra casa.

Como Caio Rohr aponta no *Papel de Homem*, tentar a todo custo ser este homem é simplesmente insustentável. Hoje, 76% dos suicídios no Brasil são cometidos por homens. Segundo uma pesquisa realizada pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2018), mais de três quartos das mortes por uso excessivo de álcool são de homens.

Com frequência, o homem irá se deparar com problemas que devem ser lidados com paciência, reflexão e autoconhecimento. Essas características não deveriam ser vistas como fraqueza.

Desde as pesquisas até a renderização do arquivo final, este trabalho de conclusão me possibilitou uma compreensão melhor de mim mesmo enquanto homem e no que eu acredito, podendo aprender mais sobre este tema tão complexo das masculinidades, me aproximando de pessoas e grupos incríveis que hoje tenho como referência. Agradeço muito à Faculdade de Comunicação da UFBA e seus professores pela oportunidade.

Projetos como estes me lembram a razão de eu trabalhar com o que eu trabalho. Assim como os filmes marcam gerações, outros produtos audiovisuais também podem fazer o mesmo. Se *Papel de Homem* conseguir marcar pelo menos uma pessoa, o objetivo foi cumprido.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CUMPLICIDADE da Masculinidade Geek no The Big Bang Theory. Pop Culture Detective. 29 set. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7L7NRONADJ4>. Acesso em 8 dez. 2019.

COSTA, Felipe da.; JOHN, V. M. Estudos sobre masculinidades na mídia: uma lacuna nas pesquisas da área da comunicação no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1380835760\\_ARQUIVO\\_O\\_MASCULINIDADESNAMIDIA-FazendoGenero.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1380835760_ARQUIVO_O_MASCULINIDADESNAMIDIA-FazendoGenero.pdf). Acesso em: 27 jun. 2019.

COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema - espetáculo, narração, domesticação**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

GOFFMANN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985. **Cinema Hollywoodiano e Cultura de Massa - Entre leitores, espectadores e expectativas**. Cadernos de Semiótica Aplicada - Vol. 9 nº 1. 2011.

GUGLIELMELLI, A. **Histórico: Disney atinge recorde inédito na bilheteria mundial**. Observatório do Cinema, 08 dez. 2019. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2019/12/historico-disney-atinge-recorde-inedito-na-bilheteria-mundial>>. Acesso em: 8 dez. 2019.

HACKER breaks down 26 hacking scenes from movies & TV | WIRED. WIRED. 13 nov. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SZQz9tkEHlg>. Acesso em 8 dez. 2019.

HOMENS representam 76% dos suicidas do Brasil, revela relatório da OMS. **Gazeta do Povo**. 11 de nov. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/saude-e-bem-estar/homens-representam-76-dos-suicidas-do-brasil-revela-relatorio-da-oms/>. Acesso em: 27 dez. 2019.

HUNT, Darnel; RAMÓN, Ana Cristina. **Hollywood Diversity Report 2020: A tale of two hollywoods**. Part. I: Film. UCLA COLLEGE Social Sciences. Disponível: <https://socialsciences.ucla.edu/wp-content/uploads/2020/02/UCLA-Hollywood-Diversity-Report-2020-Film-2-6-2020.pdf>. Acesso em:

LYRIO, Alexandre; AZEVEDO, Flávia. Guia prático do novo homem: saiba como enfrentar uma feminista. Salvador, 08 de set. 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/guia-pratico-do-novo-homem-saiba-como-enfrentar-uma-feminista/>. Acesso em: 27 dez. 2019.

MERENCIANO, Levi Henrique. In: CADERNOS DE SEMIÓTICA APLICADA. **Cinema Hollywoodiano e Cultura de Massa - Entre leitores, espectadores e expectativas**. Araraquara: vol. 9, nº 1, julho, 2011. ISSN: 1679-3404.

OLIVEIRA, Ravi. Gandhi. **Video Essay**. Tendências Digitais, 20 abr. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/tend%C3%A2ncias-digitais/video-essay-ea8b2e43b040>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Uso nocivo de álcool mata mais de 3 milhões de pessoas a cada ano; homens são a maioria**. Brasília - DF. 2018. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5763:uso-nocivo-de-alcool-mata-mais-de-3-milhoes-de-pessoas-a-cada-ano-homens-sao-a-maioria&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5763:uso-nocivo-de-alcool-mata-mais-de-3-milhoes-de-pessoas-a-cada-ano-homens-sao-a-maioria&Itemid=839). Acesso em 5 jul. 2019.

PARK, Robert Ezra. **Race and Culture**. Glencoe: The Free Press, 1950.

## ANEXO A - Transcrição da Locução

Você já viu alguém mexendo com programação de sistemas?

Há uns anos eu assisti um vídeo que comparava alguém programando na vida real com um hacker dos filmes de Hollywood.

Hackear ou simplesmente desenvolver um sistema não é algo muito cinematográfico, então dá pra entender porque o cinema se deu a liberdade artística de imaginar algo mais emocionante.

Só que com isso surge uma pulga atrás da orelha: existem outras distorções da realidade nos filmes que passam despercebidas por boa parte do público? E se essas distorções não forem apenas superficiais e sim comportamentos, ideais que de tão repetidos se concretizam nas nossas cabeças como se fossem naturais?

Ok, mas é claro que não estou falando que o que tá na tela vai ter efeito direto: se um filme fala que você pode pular do prédio não quer dizer que você vai pular. Um bom filme parte de uma premissa com um pé no mundo real, nos anseios, medos e desejos do público.

Por exemplo, um público de mulheres em meio às questões da meia-idade com uma boa condição financeira pode ter se identificado com a protagonista de Comer Rezar Amar. A ideia da viagem espiritual de autoconhecimento, premiada com boa comida e novos interesses românticos, pode ter feito com que os locais visitados por Julia Roberts no filme tivessem um aumento absurdo no número de turistas nos anos seguintes ao lançamento do longa.

Ou então, quando entrevistaram pessoas antes e depois de assistirem Argo e A Hora Mais Escura, dois filmes americanos onde... americanos têm a missão militar de invadir um outro país. Antes de entrarem no cinema, quando perguntados se o país estava indo na direção errada, 48% dos entrevistados afirmaram que sim. Depois de assistir os heróis dos filmes salvarem o dia, apenas 34% acreditavam nisso. Em apenas poucas horas, 14% do público-teste mudou de ideia.

Nós somos seres altamente performáticos. Um autor chamado Erving Goffmann comparou nossas interações do cotidiano com performances de teatro, onde nós desempenhamos nossos papéis de acordo com o cenário onde nos encontramos - e também, avaliamos a atuação e construção dos outros personagens ao nosso redor.

Logo, as pessoas que melhor são avaliadas no papel que elas desempenham, tornam-se referências. E, certamente, os personagens dos filmes são construídos para serem grandes referências de como nos portar - e de como o mundo irá reagir à nossa imagem.

Não é a toa que cada vez mais nós estamos buscando momentos cinematográficos nas nossas vidas. Vídeos de viagens incríveis, beijos de cinema, casamentos - desde o pedido ultraelaborado até o evento capturado em 4K -, revelações do sexo do bebê...

Por sinal, se a fumaça for azul e esse bebê for um menino, essa criança e seus coleguinhas, provavelmente crescerão sendo expostos - através também do cinema - a algumas maneiras de como ser e agir como um futuro homem. E conseqüentemente, como "corrigir" os amiguinhos que estão se desviando dessa ideia.

Muito se fala de representatividade no cinema nos últimos tempos e pode parecer estranho que eu esteja questionando logo a demografia na qual eu me encaixo, que é representada até demais em comparação às outras: homem heterossexual. Porém, quantidade de personagens não presume qualidade, ou até mesmo que sejam exemplos sustentáveis para os homens. Mas vamos falar disso já já.

Então como é que isso funciona? Como os personagens masculinos estão representados no cinema? Como eles evoluem na história, ou regridem? Quem é o homem bom e o homem ruim? Como eles se relacionam com os outros personagens? Por que e como eles são punidos ou recompensados? Qual é o impacto disso para nós, o público?

--

Se vamos falar de masculinidade e cinema, é impossível não falar dos filmes de ação. Há décadas vemos vários homens descendo a porrada nos inimigos, resgatando a donzela e salvando o dia.

E se vamos falar de filmes de ação, eu não posso deixar de fora um certo homem: Jason Statham. Um dos maiores símbolos de macho alfa dos últimos tempos.

A princípio, você pode pensar que há um consenso geral de que filmes de ação, incluindo os do Jason, não são levados muito à sério, sendo apenas um entretenimento. Porém, te convido a entrar em qualquer perfil ou página de conteúdo que exalte a masculinidade. Você vai ver que Jason Statham é uma inspiração, um parâmetro do que é ser um homem de verdade - apesar de seus papéis serem de mentira.

Um dos primeiros sucessos de Jason é o filme Carga Explosiva. Nele, acompanhamos a história de Frank Martin, um ex-militar que transporta... coisas para criminosos.

De cara, sabemos que Frank é o clássico homem de poucas palavras e muita ação. Misterioso, classudo, voz grave, quase não expressa sentimento exceto raiva, tesão - por mulheres - e pena.

Assim como qualquer outro filme de ação, ele exerce poder sobre outros homens através da violência para conseguir cumprir seus objetivos. É um homem que controla a situação.

Mas a pessoa sobre qual ele mais exerce poder é sua refém, Lai.

Lai, a única mulher com falas no filme, vale dizer, é uma moça que foi sequestrada e transportada no porta-malas de Frank - sem ele saber que ela era a carga, afinal "first rule".

Mas ele abre o pacote, descobre que está transportando uma mulher sequestrada e decide ignorá-la por algum tempo. Até que demonstra todo seu lado humano e faz o grande favor de atender às necessidades básicas dela.



Porém, Lai foge. Quando ele a captura de volta, bate nos policiais que testemunharam o novo sequestro e, por fim, entrega a garota na mão dos vilões. Porque Frank é o herói da história, não esqueça. Mas ela acaba fugindo no banco de trás do carro de Frank, sem ele saber. Quando descobre, ele deixa ela amarrada na estrada... mas... Frank lembra que é o herói, sente "pena", quase atropela a moça, e leva Lai presa e no porta-malas, pra sua casa.

É visível que os roteiristas optaram por enfatizar os pontos positivos de Frank, afinal, ele é o protagonista, o herói. Enquanto, assim como o vilão, ele participou ativamente no sequestro da garota... mas poxa, ele deu suco pra ela. Ele deixou ela ir ao banheiro. Ele olha ela no olho, tem trilha romântica. Ele não é como os outros.

O roteiro optou também por fazer de Lai o exato oposto de Frank. Enquanto o motorista é calado, meticoloso e corajoso, Lai é espalhafatosa, barulhenta e inconveniente. Apesar de ela ter sido literalmente sequestrada e está em pânico, todas suas ações são mostradas como obstáculos, chatices pra jornada do nosso herói. Logo, Frank tem que controlar, ameaçar e calar a boca da moça, que está sempre com medo e prestes a estragar tudo.

O que poderia ser interpretado como um crime ou, no mínimo, um relacionamento abusivo, é justificado porque ele está protegendo ela de caras piores.

Assim, Lai vê em Frank um protetor e deseja mantê-lo por perto. Mais tarde no filme, ela decide recompensá-lo.

--

Tente imaginar um filme onde o protagonista constantemente manda sua parceira calar a boca e seguir suas ordens. Apenas isso. Você conseguiria ver o protagonista como herói?

Mas se a mulher corre perigo e for muito ingênua para entender, e só o protagonista entende o risco e pode salvá-la, mandar ela calar a boca se torna aceitável, certo? Certo, de fato é razoável. Depois ela vai entender.

Os roteiristas de Hollywood entendem isso muito bem. Em diversos filmes de ação como Carga Explosiva, há uma fetichização da mulher sendo dominada e calada por um homem em nome de um bem maior. Este bem maior que só o herói e você, espectador, entendem, mas que a mulher dominada não consegue compreender. Esse conceito não é meu, é do Jonathan McIntosh em seu brilhante canal Pop Culture Detective ao analisar obras como Exterminador do Futuro.

Filmes como Carga Explosiva reforçam a ideia de que domínio físico e psicológico são apenas facetas do amor. Na vida real, vemos que muitos heróis das suas próprias histórias compraram essa ideia. Só que o bem maior que justificaria suas ações, na verdade, só existe na cabeça deles.

Não à toa, o modelo de masculinidade mais almejado por gerações é o de homem calado e violento. Quem me falou isso foi o Sargento Djair Moura, da Polícia Militar da Bahia. Ele possui o projeto premiado Ronda para Homens, que consiste em grupos de conversa sobre masculinidade, inclusive para homens que cometeram violência doméstica.

A violência como única forma de expressão permitida aos homens tem consequências. Eles são os que mais matam e os que mais morrem. Como aponta o documentário O Silêncio dos Homens, 83% das vítimas de homicídios do Brasil são do gênero masculino.

Guilherme Valadares, fundador do Papo de Homem, que realizou o documentário lançado em 2019, contou em entrevista para a Folha de São Paulo.

“Minha performance de masculinidade entrou realmente em xeque depois que conquistei o que, em minha imaginação, me tornaria um homem de verdade. Fui agressivo em minhas relações amorosas, com amigos no trabalho, tive comportamentos autodestrutivos”. “Homem que ‘sente demais’ é estranho, é fresco. Meu mundo emocional era, em grande parte, colorido pela emoção mais socialmente aceita para homens, a raiva.”

O ideal de masculinidade proposto nos papéis de Jason Statham, também só existe na cabeça de quem o admira, visto que nem o próprio Jason é tão bruto quanto seus personagens.

Mas nem todo mundo assiste filme de ação, é verdade. Há tipos de homens muito mais próximos da realidade em outros gêneros do cinema, como nos filmes de comédia, por exemplo.

Ah, as comédias! Elas caem na graça do público por exagerar alguns aspectos e desejos da vida real. Um anão pode se passar por um bebê sem ninguém perceber, um moleque pode comprar bebida alcoólica com a pior identidade falsa do mundo e um garoto pode comer uma torta de maçã. Tudo isso para fazer o público rir. E não há nada de errado nisso. É no exagero que muitos filmes criam cenas memoráveis.

Mas, por mais escrachadas que essas histórias sejam, elas mantêm um pé na realidade. E são nos momentos mais realistas que fazem o público sentir identificação e empatia pelos personagens. O anão que se passa por bebê, por exemplo, encontra uma família disposta a oferecer o amor que ele nunca teve quando era de fato criança. Um aspecto sério e empático no meio de um filme debochado.

Então... o que é levado a sério e o que é considerado como "só uma piada" nos filmes? Qual o critério que determina isso? Como isso se aplica aos homens dessas histórias?

Um exemplo interessante é a obra *American Pie*. Eu aposto que você pelo menos já ouviu falar, tamanho foi o sucesso dos filmes, especialmente os dois primeiros.

*American Pie* trata da vida de quatro garotos adolescentes heterossexuais virgens nos últimos dias de ensino médio.

Ah! Se você já assistiu o filme, vou adiantar uma coisa que pode te surpreender, considerando que esse é um vídeo sobre masculinidade: eu não vou falar tanto do Stifler não. Ele é um personagem estereotipado do boy-lixo, e os roteiristas sabem disso muito bem. As ações dele não são louvadas pelos seus amigos, mas são toleradas. A existência de alguém tipicamente machista como Stifler faz com que os outros garotos sejam tidos como legais e sensatos, e é neles que eu vou focar.

O objetivo inicial desses garotos é conseguir transar antes de irem para a faculdade. E, para atingir essa meta, eles passam por alguns pontos fundamentais para amadurecer enquanto homem:

- As interações de Kevin e sua namorada Vicky sobre amor, sexo e o término amigável que eles têm ao final da trama;
- Oz, quando percebe através de Heather, seu interesse romântico, que ele pode estar em contato com seu lado sensível sem perder seus interesses... basicamente a trama de High School Musical;
- Jim percebe que a pressão de transar apenas por concluir uma tarefa masculina é prejudicial e desencana.

São mensagem bem positivas, que humanizam os personagens em momentos mais francos.

Claro que, em meio a esses pontos sérios, muita coisa mais descontraída acontece, coisas que servem para dar risada e serem relevadas, afinal, é um filme de comédia. Por exemplo, o Jim estava interessado numa estudante de intercâmbio e chamou ela pra estudar na casa dele. Seus amigos sugerem que ele coloque uma câmera escondida no quarto dele para quando ela for trocar de roupa todos assistirem ao vivo. Jim prontamente recusa, pois filmar e divulgar as imagens da moça nua sem ela saber seria uma violação gravíssima e ele não vai fazer... ah, não, ele fez exatamente isso. Por sorte, a estudante não foi contra à ideia de transar com Jim, só que ele não consegue satisfazer a moça na frente das câmeras que ele mesmo colocou - novamente: sem ela saber. Quais consequências teriam a atitude de Jim?

Bom, todos os colegas esculhambaram ele por ejacular precocemente. E Jim não teria uma segunda chance, já que a moça foi expulsa do colégio porque os patrocinadores do intercâmbio dela viram o vídeo.

O fato do Jim ter filmado alguém nu sem seu consentimento não é nem abordado depois, para o roteiro do filme é completamente irrelevante: ninguém se incomoda, nem a própria

estudante, que foi expulsa. Na verdade, ela até aparece no final e também no filme seguinte, um sinal de que não há nenhum rancor, ou nenhuma consequência mesmo.

Assim como eu, Gabriel Tarrão foi adolescente nos anos 2000 e vê, até hoje, o impacto de filmes como American Pie no imaginário dos alunos da escola onde trabalha como Gestor de Comunidade, aqui em Salvador.

Numa comédia, algumas violações são toleradas se isso for tido como engraçado, ou se é uma violação que ajude um protagonista a evoluir na trama. Como no segundo filme de American Pie, onde eles acabam invadindo a casa de mulheres que seria um casal lésbico. Ao invés de chamar a polícia, elas zoam os garotos, que precisam repetir atos homossexuais para poder observar o "casal". Ao final do filme, Stifler - olha ele aí - transa com as duas mulheres.

Logo, os erros e punições dos nossos heróis são causados por: não conseguir ter a performance sexual esperada diante dos amigos e se colocar numa situação homossexual... entre homens.

O "acerto" fica por conta de Stifler ter coragem de invadir a casa e, posteriormente, se colocar numa situação também homossexual... mas entre mulheres.

E para manter essa imagem de "comedor", vale tudo.

Caio Rohr é psicólogo e trabalha há algum tempo com as questões da masculinidade com seus pacientes. Ele fala do conceito junguiano de persona, que nos ajuda a entender os papéis que desempenhamos na sociedade.

Dentro dessa competição, num filme de comédia, quanto mais um homem se distancia do que é tido como masculino, seja violência, heterossexualidade ou performance sexual, mais ele é alvo de piadas que apontam sua "falha".

Se esse homem é sensível e não recorre à violência para se impor, ele está se aproximando do feminino e logo, ele será ridicularizado.

Então, para evoluir na história e conquistar o respeito dos outros homens e mulheres, um cara precisa mostrar confiança e violência. Assim, ele é mais homem.

Se esse cara quiser crescer e ser recompensado ainda mais, ele deve mostrar sua potência sexual. Sério, até um menino de 13 anos deve se gabar por ter "transado" com sua professora.

Esta é a parte do vídeo que abordará questões mais pesadas como violência sexual. Se você é sensível a esse tema e prefere não assistir essa parte, eu dividi o vídeo em seções na descrição, e você pode pular para a próxima seção.

Sim, existe um filme de comédia onde um menino de 13 anos é tido como herói por ter sido abusado sexualmente por sua professora.

O filme se chama "Esse é Meu Garoto" e por incrível que pareça ele foi feito em 2012. A trama ainda tenta de forma muito estranha condenar a professora, sendo que todos ao redor consideram o crime algo heroico da parte da criança. Por isso, fica muito claro que no contexto do filme o abuso não foi compreendido como errado. O que houve foi uma coisinha chamada *lampshading*, que é "se fazer de sonso", em minha tradução livre para vocês. Isso ocorre quando uma obra ficcional percebe o que está acontecendo de incomum na história e usa seus personagens para apontar para o próprio absurdo que está acontecendo.

Como Jonathan McIntosh aponta, esse tipo de manobra faz com que os roteiristas aparentem ter consciência do que estão fazendo, que eles não estão normalizando o que está acontecendo na cena. É como no filme *Beleza Americana*, onde um adolescente vive filmando a sua vizinha sem seu consentimento, a amiga dela aponta a bizarrice disso, mas no final, ele é mostrado como um cara muito sensível e conquista a garota. Se seu filme de comédia mostra apenas *uma* cena onde um caso de abuso sexual infantil é levado a sério, enquanto no resto da história centenas de pessoas apoiam o estupro que aconteceu, seu filme tem um problema. Inclusive, vale bastante a pena assistir o vídeo do canal dele sobre o uso da violência sexual contra homens como piada.

Ok, não há nada de errado num menino de 13 anos fantasiar com sua professora adulta, mas com certeza é repugnante e criminoso uma professora adulta tentar algo com uma criança. É lamentável ter que reforçar isso, mas é preciso, porque se tem algo muito presente dentro e fora das telas, é a ideia de que qualquer homem - ou menino - deve estar sempre pronto para transar com uma mulher, independente de qualquer coisa.

Se essa ideia é tão forte, se a violência sexual contra homens é algo constantemente reforçado como algo engraçado ou simplesmente irrelevante, como alguém vai levar a sério homens vítimas de abuso sexual? Como esse próprio homem ou menino vai se levar a sério? Ou até mesmo identificar o próprio abuso que sofreu?

Boa parte dos homens demora entre 20 a 30 anos para denunciar o abuso sofrido.

Miguel, uma dessas vítimas, procurou a associação portuguesa Quebrar o Silêncio e relatou décadas depois a violência que sofreu, tanto por homens quanto por mulheres em diferentes situações. E ele conta que começou a pensar que todos ao seu redor tinham razão, exceto ele.

Para se defender, aprendeu a lutar e aos 15 anos, quebrou o braço de um homem que tentou abusá-lo. A violência como defesa deu um fim nos abusos físicos, “mas não resolveu tudo aquilo que tinha sido incutido na infância e aquilo que estava passando”, relatou Miguel ao portal Público, de Portugal.

Referências de homens que sabem se defender e se impor fisicamente, não faltam nas telas de cinema. Mas quanto à parte mental, é bem difícil encontrar. Eu espero de verdade que sobreviventes como Miguel não precisem se ver como chacota ao assistir um filme que deveria ser divertido.

Ainda bem que existe um tipo de homem que não é como os outros.

Um homem que não tem medo de sentir e demonstrar toda sua sensibilidade. Que faz o que for preciso pra provar seu amor pela mulher. E que está esteticamente dentro dos padrões de beleza, é claro.

Este homem pode ser encontrado nos filmes românticos. Em especial, aqueles voltados para o público feminino, tais como as famosas comédias românticas. Uma delas, se chama O Melhor Amigo da Noiva. O filme traz os personagens Hannah e Tom. Eles são amigos de longa data.

Tom é o clássico mulherengo, que faz questão de se distanciar emocionalmente das mulheres de forma até imatura. Ele acha que encontrou uma vida perfeita onde transa com inúmeras mulheres e convive diariamente com Hannah, sua melhor amiga, que claramente gostaria que as coisas evoluíssem entre os dois. O próprio filme observa o problema desse pensamento.

Quando Hannah vai fazer uma viagem a trabalho e fica distante por um tempo, Tom percebe que na verdade ele quer estar somente com ela, romanticamente falando. Aquela velha história de que só damos valor a alguém quando perdemos esse alguém. Mas agora é tarde! Hannah volta da viagem... noiva de um outro cara. E convida Tom para ser madrinha de casamento. O que gera muitas piadas, porque ele é homem... e madrinha é coisa de mulher, entendeu?

Se esse tipo de piada é homofóbica ou não, deixo pra você tirar suas conclusões. A única certeza que tenho é que é uma piada fácil, preguiçosa. E ela é fácil, porque o público já foi acostumado com a ideia de que se um cara se aproxima de algo dito feminino, ele deve ser ridicularizado. Sim, isso é reforçado até nos filmes com público-alvo feminino.

Sejamos justos - o filme flutua entre reforçar e subverter algumas questões da masculinidade. Se por um lado há várias, e eu digo várias, competições para exaltar ou diminuir a masculinidade de Tom e Colin, o noivo, por outro lado, a direção do filme nos leva a crer que Tom evolui ao se distanciar de certos tabus da masculinidade e abraçar a função de madrinha de casamento.

Na verdade, Tom aceitou o papel de madrinha pra poder passar semanas convencendo sua amiga de que vale a pena descartar o casamento e, ao invés disso, começar a namorar ele



mesmo, o próprio Tom, que passou os últimos dez anos sem buscar tratamento para seu despreparo emocional.

É como se a única coisa que faltava para Tom assumir um compromisso amoroso era achar a mulher certa para "salvá-lo". Esse é um clichê particularmente perigoso, porque implica que a solução dos problemas individuais do homem não está no autoconhecimento, mas sim, em ter um relacionamento com a mulher que ele deseja.

Essa ideia, sendo bastante difundida na cultura pop, estabelece que:

1) o homem será salvo somente quando encontrar a mulher, o famoso "vai tomar jeito quando casar";

2) é dever da mulher "consertar" um homem.

Quando a gente chega perto do final de O Melhor Amigo da Noiva, o despreparo de Tom fica escancarado. Às vésperas do casamento, ele lasca um beijaço em Hannah, isso mexe muito com os dois. Alguns desentendimentos depois, Tom questiona a noiva sobre o beijo e Hannah, apesar de todo o conflito emocional, mostra muita lucidez na sua resposta.

Ele, compreendendo a situação, resolve não acompanhar mais o casamento e se distanciar, o que faz sentido. No entanto, no meio do caminho, percebe que na verdade, ele quer sim roubar a noiva. E volta literalmente voando para interromper o casamento.

Ora, peraí. O Tom tá se fazendo de otário, no mínimo. Claramente ninguém, e nem mesmo o próprio Tom, sabe se de fato ele realmente gosta dela a ponto de assumir um compromisso monogâmico. A história se passou num espaço de tempo curto. É muito provável que, como Hannah sugeriu, ele apenas esteja querendo o que já não pode mais ter. E esse impulso dele não pode colocar Hannah a mercê de um relacionamento instável, sendo que ela já falou claramente que precisa de alguém consistente como companheiro. Então... como isso já foi dito, não tem como Tom roubar a noiva só porque ele fez uma grande entrada surpresa no casamento, certo? Certo?

Errado. É exatamente isso que acontece. Se tinha alguém que não sabia o que estava sentindo, era Hannah.

Tom é um grande homem persistente, porque não aceita rejeição e luta pelo seu objetivo. Afinal, ele se reinventou com práticas de malabarismo, artesanato e celibato temporário, se tornando um novo homem melhor. Essa determinação fez com que ele ganhasse o prêmio, se casando com Hannah, sendo feliz para sempre.

O Melhor Amigo da Noiva tem algumas outras questões que a gente já sabe como identificar, tipo tratar agressão e abuso sexual contra homens como "piada". A violência sexual sendo relativizada até em filmes românticos supostamente leves de assistir.

Tão repetitiva quanto dar risada de homens sofrendo abuso sexual, é a ideia de recompensar o homem protagonista na sua persistência em conquistar o amor. Assistindo o filme de maneira menos cética, o roteiro e a direção te levam a pensar que o sentimento de Tom com relação a Hannah é tão real e tão importante, que deve estar acima de qualquer outra coisa. Afinal, estamos vendo o filme pela ótica dele. Na saga do herói, um outro homem é um oponente a ser batido e um "não" é apenas um obstáculo a ser superado.

Como sempre, o roteiro e a direção também fazem com que a reação dos personagens esteja de acordo com o objetivo do protagonista. O clichê do homem persistente em conquistar a moça presume um clichê do exato oposto: a mulher que não sabe o que quer.

O grande gesto virou um clichê do cinema. E da mesma forma que eu acreditei que uma arma com silenciador faz *esse* barulho, mas na verdade faz *esse*, existe uma geração inteira que tem como referência esse tipo de relação. Como, por exemplo, este cara na Inglaterra. Após sua ex-namorada ter terminado o relacionamento com ele, ele decidiu levar um piano no pátio da faculdade dela e resolveu tocar até que ela falasse com ele novamente. Alguns diriam que isso é assustador, uma tentativa de coagir a moça expondo ao mundo um relacionamento privado, levando pessoas a questionarem como uma mulher não pode dar uma segunda chance a um pianista fofo tão determinado? Alguém de Hollywood diria que é o início de um roteiro promissor.

Por não saber o que fazer, o pianista acreditou na narrativa da persistência como virtude suprema. Meninos e meninas que, independente de como venha se manifestar sua sexualidade, crescem acompanhando histórias heroicas, engraçadas, românticas, com essa mesma narrativa como padrão.

Na vida real, onde somos os protagonistas das nossas histórias, mas não há direção, roteiro, nem trilha sonora, vemos diversos homens que não aceitam o não como resposta, invadindo eventos, batendo nos seus oponentes. Afinal, a única coisa que importa é o sentimento do herói e a única coisa que ele pode fazer, é agir.

Nossa noção de personalidade é constantemente construída por observação. Os papéis que nós desempenhamos ao longo da vida são diretamente influenciados pelos exemplos que vemos: pai, mãe, colegas, amigos e dentre eles, a cultura pop - em específico, os filmes.

Nas obras que marcam e ajudam a moldar gerações, personagens masculinos acabam sendo recompensados e punidos de forma bem similar: o homem que acredita em si mesmo, tem coragem, inteligência e boas intenções acima de tudo - ainda que cometendo alguns erros ao longo do caminho e mesmo o conceito de bom sendo subjetivo -, resolverá os mais variados problemas. Caso tenha medo, ele deverá superá-lo de forma firme e até mesmo violenta, se necessário para conseguir o respeito dos demais homens e mulheres.

Partindo para a vida real, no papel de si mesmo e protagonista da sua vida, o indivíduo se considera bem intencionado na maior parte do tempo. Porém, se as recompensas não vierem? Se as pessoas com quem ele convive não valorizam suas virtudes da forma como ele gostaria ou julga merecer? Se ele não conseguiu o sucesso financeiro, não consegue prover, não está confiante, não está satisfeito sexualmente, sente que o relacionamento não está "dando jeito" nele... se ele sente que está falhando? Ele falha enquanto homem?

O que ele faz com a dor da falha? Ou com qualquer tipo de dor psicológica?

Ainda é consideravelmente difícil encontrar, tanto nos filmes, quanto na vida real, homens que conversem abertamente sobre o que é ser homem, porque uma das características atribuídas ao homem é de não falar sobre isso.

O intuito deste vídeo não é reduzir a conversa a "homem é mau, mulher é boa". As performances de gênero são impostas à todos os indivíduos. Às mulheres, será permitido agir de determinada forma, para ter determinado tipo de tratamento e em contrapartida, sofrer determinadas opressões. Aos homens, a mesma coisa. Quem não se encaixa em nenhuma das duas performances, será marginalizado. Todo mundo é incentivado desde a infância à policiar a performance de gênero de quem está ao seu redor: aquele menino tá chorando demais, tá fazendo balé, aquela menina tá praticando esportes "de homem" e tudo mais. Como vimos, os ideais de masculinidade que identificamos só funcionam porque homens e mulheres foram ensinados a assim perpetuá-los. Da mesma forma, homens e mulheres podem ser parte de uma solução.

Nos últimos tempos, há homens dispostos a quebrar o silêncio e falar abertamente sobre seus medos e frustrações, seja através de plataformas como grupos em redes sociais, blogs, ou até mesmo em reuniões presenciais.

Mas também há a perturbação dessas questões refletidas em homens que não se sentem confortáveis o suficiente para discutir. Homens que acreditam que qualquer traço de vulnerabilidade é algo feminino, e se tem algo que o homem que se deseja ideal teme é ser visto ou tratado como uma mulher. Homens que não sabem lidar de forma madura com seus sentimentos e frustrações e, por apenas se expressar através do domínio e de violência, acabam machucando as pessoas com quem convive e a si mesmo. Nós fomos ensinados a pensar assim.

Mas é claro que a cultura pop jamais deve carregar a responsabilidade total por estas questões. São problemas sistêmicos e estruturais, que passam por inúmeras vertentes da nossa sociedade - o cinema é apenas uma delas.

Para poder mudar esse pensamento e criar masculinidades saudáveis, seria de grande ajuda estabelecer bons exemplos. Ver meninos e meninas de todas as idades crescendo com mais referências de:

- Filmes divertidos que mostrem garotos resolvendo seus problemas com conversas francas; que entendem que consentimento e bem-estar são mais importantes que performance sexual;
- Que contem histórias de amor onde homem e mulher possam cometer erros e perdoar um ao outro;
- Que retratem abuso sexual contra homens sem ridicularizar a vítima;
- Histórias onde homens que se aproximem do que é tido como feminino e que se afastem da heterossexualidade não sejam ridicularizados por isso;
- Que entendem que seu sentimento não é soberano e aceitem não como resposta e aprendam que autoconhecimento é mais importante que persistência.

Referências de homens possíveis.